



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO LICENCIATURA DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

IAN AMARO NASCIMENTO

**OS VALORES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SUBJACENTES AOS DISCURSOS
DOS ATORES EM *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS BAGNO, APLICÁVEIS
AO ENSINO BÁSICO**

CAJAZEIRAS - PB

2023

IAN AMARO NASCIMENTO

**OS VALORES DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA SUBJACENTES AOS DISCURSOS
DOS ATORES EM *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS BAGNO, APLICÁVEIS
AO ENSINO BÁSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Letras - Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais

**CAJAZEIRAS - PB
2023**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

N244v Nascimento, Ian Amaro.
Os valores da variação linguística subjacentes aos discursos em Língua de Eulália, de Marcos Bagno, aplicáveis ao Ensino Básico / Ian Amaro Nascimento. - Cajazeiras, 2023.
48f. : il.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Nazareth de Lima Arrais.
Monografia (Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2023.

1. Semiótica Discursiva. 2. Semiótica Discursiva. 3. Preconceito Linguístico. 4. A Língua de Eulália, de Marcos Bagno. I. Lima Arrais, Maria Nazareth de. II. Título.

UFCG/CFP/BS

IAN AMARO NASCIMENTO

**OS VALORES DA VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA SUBJACENTES AOS
DISCURSOS DOS ATORES EM *A LÍNGUA DE EULÁLIA*, DE MARCOS
BAGNO, APLICÁVEIS AO ENSINO BÁSICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito para obtenção do título de licenciado em Letras.

Aprovado em: 16/06/2023.

Banca Examinadora:

Documento assinado digitalmente
 MARIA NAZARETH DE LIMA ARRAIS
Data: 16/06/2023 17:42:37-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais
(UAL/CFP/UFCG - Orientadora)

Documento assinado digitalmente
 WALLACE DANTAS
Data: 18/06/2023 13:35:45-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Wallace Dantas
(UFCG/PPGLE - Examinador 1)

Documento assinado digitalmente
 HÉRICA PAIVA PEREIRA
Data: 19/06/2023 10:28:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Hérica Paiva Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinadora 2)

AGRADECIMENTOS

A Deus.

A minha mãe Maria Ivonisa Amaro Nascimento. Meu primeiro grande amor que sempre me incentivou aos estudos. Nunca me esquecerei das tardes em que se dedicava a ensinar a mim e a minha irmã.

Ao meu pai Francisco Roner do Nascimento, um exemplo de homem.

A minha orientadora, professora Dr.^a Maria Nazareth de Lima Arrais. Muito obrigado pelos ensinamentos e acolhimento. Admiro-a muito.

Aos meus colegas da turma 2017.2, em especial, Rosangela, Gladjane, Gabriele, Luana, Deusilania, Joana. Foi um longo caminho de muito aprendizado e companheirismo. Jamais os/as esquecerei.

Ao meu grande amigo, que o curso de Letras me deu: Thalís Alves Norvino. A minha querida amiga Aline Ribeiro.

Ao meu tio Cícero. O início dessa jornada teve seu incentivo. Muito obrigado!

Aos meus amigos Aristegolfegan e Davi. Muito obrigado pelas vezes em que me acolheram em suas casas.

A todos os professores e todas as professoras que contribuíram para minha formação, sendo grandes exemplos e despertaram em mim a vontade de seguir o ofício da docência. VOCÊS SÃO DE FATO OS HERÓIS DESTES PAÍSES!

“Para o bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade.”

(HJELMSLEV, 1975, p. 1)

RESUMO

Todo discurso é carregado de sentido, e quem os profere não precisa necessariamente conhecer ou aplicar a norma culta da língua. Nessa direção, esta pesquisa tem como objetivo analisar como se apresentam os valores da variação linguística subjacentes aos discursos dos atores em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. Para atingir tal objetivo, discorreremos sobre os conceitos básicos da Semiótica Discursiva e da Sociolinguística Variacionista, descreveremos os valores da variação linguística que subjazem aos discursos dos atores em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, e refletimos acerca do trato da variação linguística em sala de aula em consonância com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018). A pesquisa está fundamentada na Semiótica Discursiva de Greimas (2008), considerando estudiosos dessa teoria como Barros (2005) e Fiorin (2018). Buscamos Saussure (2021) e Hjelmslev (1975) no que concerne ao signo linguístico; Monteiro (2008), Bagno (2007) e Coelho et al., (2019) no que diz respeito à Sociolinguística Variacionista. A metodologia desta pesquisa está situada na Análise do Discurso, sendo a abordagem qualitativa e a natureza aplicada. Para a seleção do *corpus*, foram consideradas as obras do linguista Marcos Bagno, que tratam da variação linguística, entre os quais escolhemos *A Língua de Eulália*. Os resultados comprovaram a tese de que, no *corpus* analisado é veiculada tanto a ideia de respeito como de desrespeito à variação linguística, por meio de discursos formais e informais dos atores.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva. Variação Linguística. Preconceito Linguístico. *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno.

ABSTRACT

Every discourse is loaded with meaning, and who utters them does not necessarily need to know or apply the correct language standard. In this direction, this research aims to analyze how the values of linguistic variation underlying the discourses of the actors in *A Língua de Eulália*, by Marcos Bagno, are presented. To achieve this goal, we discuss the basic concepts of Discourse Semiotics and Variationist Sociolinguistics, describe the values of linguistic variation that underlie the discourses of the actors in *A Língua de Eulália*, by Marcos Bagno, and reflect on the treatment of linguistic variation in the classroom in line with the Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018). The research is based on the Discourse Semiotics of Greimas (2008), considering scholars of this theory such as Barros (2005) and Fiorin (2018). We searched Saussure (2021) and Hjelmslev (1975) regarding the linguistic sign; Monteiro (2008), Bagno (2007) and Coelho et al., (2019) regarding Variationist Sociolinguistics. The methodology of this research is situated in Discourse Analysis, being the approach qualitative and the nature applied. For the selection of the *corpus*, the works of the linguist Marcos Bagno, which deal with linguistic variation, were considered, among which we chose *A Língua de Eulália*. The results proved the thesis that the analyzed corpus conveys both the idea of respect and disrespect for linguistic variation, through formal and informal discourses of the actors.

Keywords: Discourse Semiotics, Linguistic Variation, Linguistic Prejudice. *A Língua de Eulália*, by Marcos Bagno.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- CFP - Centro de Formação de Professores
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- OV - Objeto Valor
- PNP - Português não padrão
- S₁ - Sujeito Semiótico 1
- S₂ - Sujeito Semiótico 2
- TCC - Trabalho de Conclusão de Curso
- UAL - Unidade Acadêmica de Letras
- UFMG - Universidade Federal de Campina Grande
- UFPE - Universidade Federal de Pernambuco
- UNB - Universidade de Brasília
- USP - Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 METODOLOGIA	13
2 SEMIÓTICA DISCURSIVA	15
2.1 O SIGNO LINGUÍSTICO: DE SAUSSURE A HJELMSLEV	15
2.2 O OBJETO DE ESTUDO: O TEXTO	17
2.3 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO	18
2.3.1 Nível fundamental	19
2.3.2 Nível narrativo	20
2.3.3 Nível discursivo	22
3 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	26
3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA	26
4 DO AUTOR À OBRA: SITUANDO O CORPUS	31
4.1 MARCOS BAGNO: UM DEFENSOR DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS	31
4.2 CONTEXTUALIZANDO O <i>CORPUS</i>	32
5 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i>	37
5.1 LEITURA SEMIÓTICA DE <i>A LÍNGUA DE EULÁLIA</i> , DE MARCOS BAGNO....	37
5.2 REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO	43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A língua é uma riqueza cultural, uma vez que veicula valores de determinada comunidade, nação, povo. E a intenção de tornar a língua artificial, tida pelos gramáticos normativistas, elegendo uma forma como sendo a correta/padrão, faz que as outras variedades existentes na língua sejam estigmatizadas, resultando no preconceito linguístico, mais uma barreira que tenta nos dividir em grupos: os que dominam a língua portuguesa e os que não dominam.

No entanto, muitos linguistas têm lutado pelo respeito e valorização da heterogeneidade linguística, a exemplo de Marcos Bagno em sua novela sociolinguística *A Língua de Eulália*. A obra, em forma de narrativa, aborda os fenômenos linguísticos, explicando-os e desconstruindo alguns mitos sobre a língua que levam ao preconceito linguístico.

Nessa direção, empreender leituras é uma prática indispensável na formação de qualquer sujeito. Nesse contexto, a leitura, de acordo com Martins (1994), é um meio de o sujeito encontrar autonomia no que respeita ao uso da língua(gem), integrando-se ao mundo e deixando de vê-lo apenas sob a ótica dos outros.

É pensando na questão da leitura e da variação linguística em sala de aula que definimos o problema desta pesquisa. Um problema de pesquisa é, de forma simples, aquela curiosidade que move o investigador a desvendá-lo de forma a contribuir, de alguma maneira, para o conhecimento científico, neste caso específico, que ajudarão os profissionais da educação no trato com a língua e a leitura.

Com base nessas reflexões, esta proposta de pesquisa procura saber como os valores da variação linguística se instauram nos discursos dos atores, em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. Como resposta ao problema proposto, partimos do pressuposto de que sendo a novela sociolinguística *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, uma narrativa que apresenta como tema central a questão da variação da língua, consideramos que esses discursos, levando em conta a realização linguística, veiculam valores como respeito à diversidade linguística e preconceito contra as variações não prestigiadas, ao mesmo tempo que desperta a consciência para a valorização da riqueza da língua nas manifestações formais e informais.

Para tanto, elaboramos como objetivo geral: analisar como se apresentam os valores da variação linguística subjacentes aos discursos dos atores em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. E como objetivos específicos: discorrer sobre os conceitos

básicos da semiótica discursiva e da sociolinguística variacionista; descrever os valores da variação linguística que subjazem aos discursos dos atores em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno; e refletir acerca do trato da variação linguística em sala de aula em consonância com a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018).

Refletindo acerca desses pontos, pensamos na Semiótica do discurso que, com seu percurso gerativo de sentido formado por três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo, é capaz de fornecer subsídios que ajudarão na busca dos valores que se apresentam nos discursos dos personagens do livro selecionado como *corpus*. Isto porque, a Semiótica, de acordo com Barros (2005), se preocupa em esmiuçar o texto, ou seja, explicar o que este diz e, explanar como se faz para dizer o que diz.

No que diz respeito à metodologia, esta pesquisa apoia-se na Análise do discurso, visto que faz uso da Semiótica Discursiva como teoria base; a abordagem é a qualitativa, uma vez que explica discursos extraídos da obra analisada; e, quanto à natureza, temos uma pesquisa aplicada, pois empreendemos uma discussão que, levada para a sala de aula da educação básica, a questão da variação linguística receberá um trato de valor.

Esta proposta de pesquisa justifica-se de início por tratar do preconceito linguístico, temática já amplamente debatida na academia, mas ainda muito necessária, uma vez que insiste em permanecer na nossa sociedade, agregando a ele outros preconceitos, a exemplo do econômico e do étnico.

Outro ponto que dá relevância a esta proposta é a promoção do diálogo entre as duas teorias: a semiótica e a sociolinguística como forma de sugerir leituras de obras na educação básica e, nesse âmbito, refletir temas que despertem o senso crítico para a valorização das manifestações dos valores populares, a exemplo do que nesta pesquisa destacamos: a variação linguística.

Tratando da organização do texto, fruto da pesquisa, esta monografia está composta por cinco capítulos. No primeiro capítulo, introduzimos a investigação, situando-a acerca dos procedimentos técnicos que norteiam uma pesquisa, logo, tratamos do tema, do problema norteador do estudo, dos objetivos geral e específicos, da classificação metodológica e relato do passo a passo da pesquisa.

No segundo capítulo, versamos sobre aspectos que são pertinentes à teoria base como o signo linguístico nas perspectivas de Saussure (2021) e Hjelmslev (1975). Em seguida, aludimos acerca do objeto de análise da referida teoria, que é o

texto e, por fim, explanamos o percurso gerador de sentido, recurso teórico-metodológico da semiótica do discurso, tendo como base para tal Greimas e Courtés (2008), Barros (2005) e Fiorin (2018).

No terceiro capítulo, tratamos da teoria que é tema central da obra *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno: a abordagem dos fenômenos linguísticos internos e externos à língua com base nos estudos de Monteiro (2008), Bagno (2007) e Coelho et al., (2019); passando, em seguida, para o problema do preconceito linguístico, discriminação resultante do desconhecimento dos referidos fatos linguísticos.

No quarto capítulo, discorremos sobre o *corpus* desta investigação, o livro *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno. De início, apresentamos uma breve biografia do autor da obra, que é também linguista para, depois, apresentarmos o resumo da narrativa, a fim de contextualizar o *corpus*.

No quinto capítulo, realizamos a análise do *corpus*, depreendendo os valores que os discursos dos atores veiculavam em relação à variação linguística para, em seguida, partindo dessa análise, tecermos reflexões acerca do preconceito linguístico como temática necessária para ser abordada em sala de aula.

No sexto e último capítulo, constam nossas considerações finais, apresentamos os resultados desta investigação, destacando alguns pontos acerca da pesquisa. E por fim, elencamos as referências que serviram para o embasamento teórico e a escrita desta pesquisa.

1.1 METODOLOGIA

A elaboração de uma pesquisa, de acordo com Paiva (2019), consiste em uma investigação sistemática que tem como intuito solucionar problemas ou ainda construir novos conhecimentos acerca de um fenômeno. Diante disso, esta pesquisa pretende construir novos conhecimentos, já que propõe uma leitura que visa encontrar significações relevantes para o uso que fazemos da língua.

Esta pesquisa situa-se na Análise do discurso, uma vez que a teoria base para a construção desta é a Semiótica Discursiva que, por meio de um percurso gerador de sentidos, possibilita que depreendamos os valores subjacentes aos discursos dos atores do *corpus* escolhido para leitura analítica.

No trato da forma de abordagem do problema, a pesquisa é de cunho

qualitativo, visto que “[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, p. 70, 2013). Dessa forma, tem-se a subjetividade do pesquisador como fator principal que, por meio da análise, procurará descrever e interpretar categorias para, então, desenvolver a pesquisa.

Ainda, esta investigação, no que diz respeito ao âmbito da natureza, é aplicada, pois, reflete, na teoria, problemáticas que precisam de atenção na prática. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), uma pesquisa aplicada tem como objetivo elaborar conhecimentos que possam ser colocados em prática, a fim de sanar problemas específicos.

Considerando o universo de obras do linguista Marcos Bagno, que tratam acerca da variação linguística, selecionamos o *corpus A Língua de Eulália*, uma obra que, em forma de narrativa, trata dos fatos linguísticos, explicando-os. A escolha do citado *corpus* se deu devido à forma como o autor tratou de aspectos teóricos em uma narrativa, tornando acessível à compreensão desses fenômenos linguísticos e pela simulação da realidade, apresentando questões que permeiam o cotidiano de qualquer indivíduo.

A categoria de análise desta pesquisa é composta dos valores da variação linguística presentes nos discursos dos atores da obra. Partindo dessa categoria, os critérios de análise são: a) atores que empregam o nível formal e o informal da língua; b) valores da variação linguística presentes no *corpus* em análise.

Para a elaboração desta pesquisa, três etapas foram seguidas: a primeira etapa consistiu no levantamento bibliográfico referente à teoria base, a Semiótica e a teoria central do *corpus*, a Sociolinguística Variacionista. Após a leitura e fichamento destas, partimos para a redação de ambos os arcabouços teóricos nesta pesquisa. Na segunda etapa, elaboramos a análise, tendo como base a Semiótica do Discurso, depreendemos os valores da variação linguística que os atores da obra veiculavam e, por fim, na terceira etapa, tecemos reflexões acerca do preconceito linguístico em sala de aula.

2 SEMIÓTICA DISCURSIVA

Este capítulo tem como objetivo discorrer sobre os conceitos básicos da semiótica discursiva, começando pelo signo linguístico. Nessa direção, tratamos do signo linguístico concebido por Saussure (2021) e aprimorado por Hjelmslev (1975), passando pelo texto como objeto de estudo da semiótica, seguindo para o percurso gerativo de sentido, sendo consultados os textos de Greimas e Courtés (2008), Barros (2005) e Fiorin (2018), para a exposição de cada um dos estratos que o constituem e levam à apreensão do sentido em um texto.

2.1 O SIGNO LINGUÍSTICO: DE SAUSSURE A HJELMSLEV

Uma das formas de concretizarmos nossas intenções é por meio da língua. No livro Curso de Linguística Geral, conceitos caros à teoria estruturalista são elucidados a partir dos escritos de Charles Bally e Albert Séchehaye e então atribuídos ao linguista Ferdinand de Saussure. A língua é definida na obra como uma parte da linguagem, sendo assim “[...] um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social” (SAUSSURE, 2021, p. 52).

Nessa direção, a língua é um sistema formado por signos. Na concepção saussureana, o signo linguístico consiste na união de dois elementos: “[...] um conceito e uma imagem acústica” (p. 155). O conceito consiste em algo mais abstrato, a imagem mental que criamos em nossas mentes enquanto a imagem acústica em algo sensorial, realizado pela impressão psíquica do som. Os dois elementos estão diretamente ligados, sendo impossível a existência de um signo sem ambas as faces.

Saussure renomeia as partes, conceito e imagem acústica, respectivamente, de significado e significante. Essa outra definição marca a oposição entre as duas partes, sendo a ligação entre elas arbitrária, visto que o significado VACA pode ter diferentes significantes, por exemplo, COW em inglês, KUH em alemão.

Elencada a estrutura base, na perspectiva saussuriana do signo, Hjelmslev (1975) parte dessa concepção de Saussure, onde duas faces compõem um signo, redefinindo essas partes e dispendo algumas características do signo linguístico. Nessa direção, Hjelmslev (1975), em seu texto Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem (1975), aponta alguns atributos para definição do signo linguístico. Dentre

esses, podemos elencar que o signo não se restringe apenas a uma palavra, indo desde morfemas até o texto; e que o signo é somente aquilo que possui um significado, que é apreendido sempre em um contexto situacional.

Nesse contexto, na perspectiva hjelmsleviana, dois fúntivos, expressão e conteúdo, são extremos da função semiótica, sendo esta função que instaura o signo. Os dois fúntivos são solidários, sendo impossível a função semiótica sem a existência de ambos. A fim de exemplificar tal afirmativa, Hjelmslev (1975, p. 54) argumenta o seguinte sobre as duas grandezas:

Se se pensa sem falar, o pensamento não é um conteúdo linguístico e não é o fúntivo de uma função semiótica. Se se fala sem pensar, produzindo séries de sons sem que aquele que os ouve possa atribuir-lhes um conteúdo, isso será um abracadabra e não uma expressão linguística, e tampouco será o fúntivo de uma função semiótica.

Os dois fúntivos, antes de formarem o signo, são constituídos de figuras. Vale apontar que, de acordo com Hjelmslev (1975), as figuras são elementos mínimos, desprovidos de sentido. Em uma decomposição de cada um dos planos, as figuras do plano do conteúdo e do plano da expressão são distintas.

De acordo com Santaella e Nöth, (2017, p. 121 *apud* HJELMSLEV, 1936, p. 157), no que diz respeito ao plano da expressão, as figuras da expressão são os fonemas e os gramemas, enquanto as figuras do conteúdo, chamados de plerema, “são os componentes semânticos da semântica estrutural”.

É expondo o conceito e a importância das figuras na constituição dos signos que Hjelmslev define a língua não como um sistema de signos, mas como um sistema de figuras que servem para a formação de signos, desse modo, o linguista dinamarquês vai contra a concepção saussureana.

Além do mais, a reelaboração do signo de Hjelmslev vai além da linguagem verbal, abrangendo a linguagem não verbal e sincrética. É partindo dessas contribuições acerca do signo que Greimas fundará a teoria da significação, a semiótica discursiva.

Apresentada a estrutura do signo para Saussure e Hjelmslev, trataremos acerca do texto, objeto de estudo da semiótica de linha francesa, definiremos o texto na perspectiva da teoria.

2.2 O OBJETO DE ESTUDO: O TEXTO

Durante toda vida humana, o texto se faz presente, nesse sentido, é válido afirmar que todas as relações sociais que um sujeito executa acontece por meio de textos, sejam eles orais, escritos ou sincréticos. Nessa direção, a maior unidade de sentido, o texto, é o objeto de estudo e análise de variadas teorias linguísticas e teorias do discurso, como a semiótica discursiva.

Sendo o texto o *corpus* de análise da teoria semiótica francesa, é plausível especificar qual tipo de texto a teoria tem a sua preferência, seria o escrito, o oral ou o sincrético. Sobre esta questão, Fiorin (1995, p. 166-167) afirma que a semiótica “se interessa por qualquer tipo de texto, independentemente de sua manifestação [...]. É, por conseguinte, uma teoria geral dos textos, quer se manifestem verbalmente, visualmente, por uma combinação de planos de expressão visual e verbal, etc.". Nesse contexto, poesias, filmes, charges, fábulas, músicas, anúncios, sinais de trânsito, todo e qualquer gênero textual pode ser examinado pela teoria semiótica, uma vez que o conteúdo do texto consiste na preferência inicial da teoria, sendo a sua expressão posteriormente analisada.

Ainda, nas acepções de Greimas e Courtés (2008, p. 460), o texto pode ser considerado sinônimo de *corpus*, visto que “por vezes, emprega-se o termo texto em sentido restritivo: isso se dá quando a natureza do objeto escolhido (a obra de um escritor, um conjunto de documentos conhecidos ou de depoimentos recolhidos) marca-lhes os limites [...]”.

Partindo desta consideração, de que o texto pode ser sinônimo de *corpus*, Barros (2005) define um texto em perspectiva dicotômica: na primeira parte, o escrito é estabelecido como um objeto de significação, nessa direção, o texto é tido como um todo de sentido, focando nos aspectos internos e estruturais do texto que o levam a sua construção de significação global; na segunda parte, o texto é delineado como um objeto de comunicação sendo a ponte entre dois indivíduos, assim posto, o escrito sempre fará parte de um contexto sócio-histórico.

Em vista disso, a definição dicotômica leva o texto a ser analisado em dois âmbitos: interno e externo. Tomar exclusivamente uma definição e conseqüentemente a análise de uma em detrimento da outra foi por muito tempo algo executado por diversos pesquisadores, desse modo, cada um defendia a sua preferência e apontava o outro como sendo equivocado. Sobre esse impasse, Barros (2005, p. 12) conta que

Os que se dedicam ao exame “interno” do texto e aqueles que se devotam à sua análise “externa” se recriminam e se criticam uns aos outros: os primeiros são acusados de reducionismo, de empobrecimento e de desconhecimento da história; os últimos, de subjetividade e de confundirem a análise do texto com outras análises.

Tais posturas, como a de analisar o texto dando enfoque interna ou externamente, podem não ser equivocadas, se o intuito não for o de explorar o sentido ou os sentidos que um texto pode apresentar. Para a Semiótica, assim como o texto é concebido em uma dualidade, a análise do texto deve acontecer do mesmo modo, sua análise leva em conta os fatores internos, ou seja, linguísticos e os seus fatores externos, extralinguísticos. Será a partir dessa análise que o semioticista exporá “[...] o que o texto diz e como ele faz para dizer o que diz.” (BARROS, 2005, p. 11).

Discutida a ideia de texto, abordaremos no tópico seguinte, o percurso gerativo de sentido, discorrendo sobre cada um dos níveis, fundamental, narrativo e discursivo, e seus aspectos sintáticos e semânticos uma vez que o recurso teórico-metodológico é fundamental à teoria semiótica discursiva.

2.3 PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO

Com a publicação do livro *Semântica Estrutural* em 1966, Algirdas Julien Greimas lança as bases da Semiótica Discursiva, uma teoria que extrapola “[...] os domínios da semântica (a palavra e a frase) e se passa a apreender como se constrói o sentido do texto como um todo” (MENDES, 2011, p. 185). Nesse contexto, a teoria da significação dispõe do percurso gerativo de sentido, um artifício teórico-metodológico, composto por patamares que parte do mais simples ao complexo.

Ainda, de acordo com Fiorin (2018), Greimas aponta que uma semântica, no caso a Semiótica Discursiva, deve ser composta sob um tripé, desse modo, a Semiótica deve ser gerativa, pois os elementos de um nível profundo devem fazer parte de textos diversos; sintagmática, onde a explicação do sentido se dá na produção geral em uma perspectiva global do texto e não em unidades menores de sentido e geral, onde um mesmo conteúdo pode ser expressado em textos verbais, não verbais ou sincréticos.

Por fim, retomando a discussão acerca do percurso, os três estratos intitulam-se como fundamental, narrativo e discursivo, contendo cada nível uma sintaxe e uma semântica. O primeiro nível, fundamental, no tocante a semântica apresenta as oposições de sentido mínimas e na sintaxe, duas operações nomeadas de asserção e negação; no estrato narrativo, a sintaxe é composta pelos enunciados elementares de uma narrativa e a semântica trata dos valores que estão presentes nos objetos em que o sujeito entra em junção; o último nível, o discursivo, no que diz respeito à sintaxe, aborda a projeção da enunciação no enunciado e a semântica das figuras e temas presentes no texto.

2.3.1 Nível fundamental

Considerado o patamar mais abstrato, o nível fundamental é o primeiro passo do percurso em busca do sentido do texto e “[...] determina o sentido primeiro a partir do qual se constrói o discurso” (LIMA ARRAIS, 2011, p. 30). Nessa direção, quando se diz que determinado texto fala sobre o amor, a morte ou a vida, tem-se o mínimo de sentido desse texto, ou seja, a sua organização fundamental; posto isso, na semântica fundamental tem-se as oposições/categorias mínimas presentes em um escrito. Nesse sentido, “[...] uma categoria semântica fundamenta-se numa diferença, numa oposição. No entanto, para que dois termos possam ser apreendidos conjuntamente, é preciso que tenham algo em comum e é sobre esse traço comum que se estabelece uma diferença” (FIORIN, 2018, p. 21-22).

Nessa conjuntura, podemos elencar as categorias /liberdade/ *versus* /prisão/ como termos que são opostos e apresentam um traço comum de sentido. Por apresentar essa característica, os termos são nomeados de contrários. Esse nome é dado devido à relação de pressuposição existente entre ambos os termos. Ainda, para cada termo contrário existe um contraditório, que é basicamente a negação do contrário.

No que diz respeito à sintaxe fundamental, duas operações a compõem: a negação e a asserção. Em todo texto ocorrerá a sucessividade dessas operações, por exemplo, em um texto termos de uma oposição como /liberdade/ *versus* /prisão/ serão organizados da seguinte forma: o primeiro termo “/liberdade/” será afirmado, em seguida, negado, e, por fim, o segundo termo “/prisão/” será afirmado, podendo,

também, ocorrer o oposto dessa sequência: afirmação de /prisão/, negação de /prisão/, afirmação de /liberdade/. Retomando a semântica fundamental, os termos de categoria basilar de um texto podem receber uma qualificação intitulada euforia ou disforia. Para Greimas e Courtés (2008), euforia é considerado o termo positivo que valoriza os microuniversos semânticos, enquanto disforia, o negativo. Para que não haja equívoco, vale apontar que os valores positivo ou negativo, respectivamente euforia e disforia, não são taxados pelo leitor, visto que já se encontram presentes no texto.

2.3.2 Nível narrativo

O nível narrativo é o estrato intermediário do percurso. Também nomeado de narrativização, “[...] esse nível intenta reconstituir o fazer do homem que, ao buscar os valores para sua existência sociocultural, transforma a história e o mundo” (LIMA ARRAIS, 2011, p. 32).

Dessa forma, é importante salientar que uma narrativa mínima consiste em uma transição, partindo de um estado inicial, transformando-se e chegando a um estado final. Sendo esta narrativa mínima, implícita ou explícita em um texto. Nesse contexto, a sintaxe narrativa comporta o enunciado de estado e o enunciado de fazer, dois tipos de enunciados elementares. O enunciado de estado é definido como o enunciado em que o sujeito estabelece uma relação de junção (conjunção ou disjunção) com um objeto qualquer, havendo entre estes uma relação de transitividade. Segundo Fiorin (2018), o enunciado de estado é dividido em narrativa mínima de privação, onde primeiro tem-se um estado conjunto e, no final, um estado disjunto e narrativa mínima de liquidação de privação que é o oposto, estado inicial disjunto, estado final conjunto.

O enunciado do fazer estabelece as mudanças entre um enunciado de estado a outro. Há entre ambos uma hierarquia, cujo enunciado do fazer abarca o de estado e recebe o nome de programa narrativo. Ainda, sujeito e objeto não devem ser levados ao pé da letra e ser enxergados como um ser humano ou um objeto de fato, “sujeito e objeto são papéis narrativos que podem ser representados num nível mais superficial por coisas, pessoas ou animais.” (FIORIN, 2018, p. 29).

Todos os enunciados elementares supracitados apresentam um sujeito, que

pode ser o mesmo em cada tipo de enunciado, sobre esses actantes sintáticos, Barros (2005, p. 29) aponta que "o sujeito de estado, o sujeito do fazer e o objeto foram caracterizados como actantes sintáticos, no momento da apresentação do enunciado elementar e do programa narrativo. Os actantes sintáticos redefinem-se, no nível do percurso narrativo, e tornam-se papéis actanciais". Ou seja, primeiramente um sujeito do estado é definido como um actante sintático, em seguida, esse mesmo sujeito quando redefinido pode ser um sujeito do não querer, do não saber- fazer, então um papel actancial.

Ainda, um texto não é uma narrativa mínima, mas uma narrativa complexa. Nessa direção, apresenta quatro fases, consideradas por alguns teóricos como fases canônicas, sendo em alguns casos encontradas implicitamente em um texto. As fases são: manipulação, competência, performance e sanção.

A manipulação "[...] caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens" (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 269), logo, toda manipulação consiste em uma persuasão, em um contrato estabelecido por um sujeito-manipulador que pode ser aceito ou não por um sujeito-manipulado.

Dos variados tipos de manipulação, os quatro mais recorrentes são: a tentação, que consiste em o manipulador levar o manipulado a fazer algo, tendo como fim uma retribuição; a intimidação que corresponde em o manipulador levar o manipulado a fazer algo por meio de uma ameaça; a sedução tem como palavra-chave a bajulação, o manipulador leva o manipulado a fazer algo, adjetivando este positivamente e a provocação que acontece quando o manipulador leva o manipulado a fazer algo, o adjetivando negativamente, no entanto, o manipulado tenta mostrar o contrário do negativo.

A competência e a performance estão diretamente ligadas: aquela diz respeito a uma habilidade que o sujeito tem, quando, munido de um saber e/ou poder fazer, pode realizar ou não uma transformação no centro da narrativa. Ainda "dizemos, então, que a competência é a fase pressuposta pela *performance*, logicamente anterior a ela e condição para que ela se realize" (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 52, grifo dos autores); esta é a concretização da competência, o sujeito realiza a mudança, passando de um estado a outro, lembrando que o sujeito que realiza e o que sofre a mudança, pode ou não ser o mesmo.

A sanção é a última fase em uma narrativa. Greimas e Courtés (2008) dividem a sanção em dois tipos, pragmática e cognitiva, sendo ambas resultado de um juízo de

valor. A sanção pragmática equivale a uma retribuição que quando positiva é uma recompensa e quando negativa uma punição, já a sanção cognitiva corresponde a um reconhecimento quando positiva sendo a confusão sua negação.

No que concerne à semântica narrativa, esta diz respeito aos valores que estão nos objetos. Dessa forma, os objetos modais são o querer, o dever, o saber e o poder fazer, fundamentais à performance principal da narrativa enquanto os objetos de valor são aqueles em que o sujeito entra em conjunção ou disjunção na performance principal. Vale apontar que esses objetos e os objetos concretos manifestados na superfície do texto são distintos, e, sobre esta diferença, Fiorin (2018, p. 37) exemplifica que

o objeto-valor /riqueza/ pode ser concretizado como pote de ouro no fim do arco-íris, joias, ações obras de arte, etc. Por outro lado, um mesmo objeto concreto, dependendo da narrativa em que esteja colocado, pode ser objeto modal ou objeto-valor ou, então, concretizar objetos-valor distintos.

Significa dizer que os objetos narrativos são de cunho abstrato, uma vez que não existem por si sós, enquanto os concretos estão ligados à realidade e são autônomos, uma vez que deles dependem os temas.

2.3.3 Nível discursivo

O nível discursivo, último patamar do percurso, é o mais próximo da superfície textual. Fiorin (2018, p. 41), ilustrando o que ocorre neste nível, aponta que “[...] a conjunção com a riqueza aparecerá no nível discursivo como roubo de joias, entrada na posse de uma herança, descoberta de uma mina de ouro, aplicação bem-sucedida na Bolsa de Valores, recebimento de um grande prêmio de uma loteria, etc”.

Ou seja, o nível discursivo reveste, concretiza os elementos abstratos que compõem o nível anterior, o narrativo. Seguindo a mesma composição dos patamares antecedentes, o estágio discursivo apresenta uma sintaxe e uma semântica discursiva.

Tratando da sintaxe discursiva, o que está em voga é a projeção da enunciação no enunciado/discurso. Desse modo, três procedimentos de discursivização são analisados na supracitada projeção: “[...] a actorialização, a espacialização e a

temporalização” (FIORIN, 2018, p. 40).

Antes de discorrermos sobre a projeção da enunciação no enunciado, é necessária a definição do que sejam esses termos. Enunciação consiste no ato da linguagem, na ação de enunciar algo, é ainda, uma instância pressuposta e implícita, sempre existente; o enunciado é “[...] toda grandeza dotada de sentido, pertencente à cadeia falada ou ao texto escrito.” (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 148), bem como a produção de uma enunciação.

Vale salientar que o que está em jogo quando se produz um enunciado é a persuasão, sempre que um enunciador no ato da enunciação produz um enunciado destinado a um enunciatário é com o intuito de convencê-lo a algo, o fazer interpretativo é ação realizada pelo enunciatário convencendo-se ou não da persuasão.

Retomando as projeções da enunciação no enunciado, Fiorin (2018, p. 57) define a enunciação “[...] a partir de um *eu-aqui-agora*, ela instaura o discurso-enunciado, projetando para fora de si os atores do discurso, bem como suas coordenadas espaçotemporais.”. Nessa direção, as categorias de pessoa, espaço e tempo serão fundamentais na produção do enunciado, podendo este apresentar dois mecanismos básicos: a debreagem e a embreagem.

Greimas e Courtés (2008, p. 95) definem o primeiro mecanismo, debreagem, como “[...] a operação pela qual a instância da enunciação disjunge e projeta fora de si, no ato de linguagem e com vistas à manifestação, certos termos ligados a sua estrutura de base, para assim constituir os elementos que servem de fundação ao enunciado-discurso”. Logo, a pessoa, o espaço e tempo do momento da enunciação não são o mesmo que o do enunciado. A debreagem ainda é dividida em dois tipos, as debreagens enunciativas e as debreagens enuncivas.

A debreagem enunciativa “[...] projeta, pois, no enunciado o eu-aqui-agora da enunciação, ou seja, instala no interior do enunciado os actantes enunciativos (eu/tu), os espaços enunciativos (aqui, aí, etc.) e os tempos enunciativos (presente, pretérito perfeito 1, futuro do presente)” (FIORIN, 2018, p. 58-59). Esta vertente da debreagem quando empregada causa um efeito de proximidade, de subjetividade.

A debreagem enunciva é o oposto, a sua composição se dá com o ele, o alhures e o então, ou seja, os actantes, os espaços, e os tempos da enunciação são ocultados, logo, o enunciado é

[...] construído com os actantes do enunciado (terceira pessoa), os espaços do enunciado (aqueles que não estão relacionados ao *aqui*) e os tempos do enunciado (pretérito perfeito 2, pretérito imperfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do pretérito ou presente do futuro, futuro anterior e futuro do futuro). (FIORIN, 2018, p. 58, grifo do autor).

Este tipo de debreagem causa efeito de imparcialidade, ou seja, de objetividade. Além das supracitadas, existem as debreagens internas que simulam diálogos dentro do texto, transmitindo um efeito de verdade, sendo apenas o discurso direto o resultado dessa debreagem, o que não ocorre com o discurso indireto. O discurso indireto apresenta algumas particularidades, a primeira diz respeito a suas variantes básicas que, de acordo com Fiorin (2018), são duas, a de análise de conteúdo e a de análise de expressão. Esta variante consiste em caracterizar o ator que o narrador analisa, ou seja, o narrador coloca em seu enunciado traços que podem levar a constituição desse ator, aquela o narrador apresenta o conteúdo, o enunciado, sem nenhuma intenção, sem o objetivo de evidenciar algo. E, ainda, existe o discurso indireto livre, onde “[...] a fala da personagem invade a fala do narrador” (p. 68)

O outro tipo de mecanismo de projeção da enunciação no enunciado é a embreagem. Greimas e Courtés (2008, p. 140) demarcam que o mecanismo é “efeito de retorno à enunciação, produzido pela suspensão da oposição entre certos termos da categoria de pessoa e/ou do espaço e/ou do tempo, bem como pela denegação da instância do enunciado”. Ou seja, o enunciador realiza uma troca nas categorias de pessoa, espaço e tempo. Por exemplo, na pessoa troca-se a primeira pessoa do discurso pela terceira, suspendendo a oposição entre eu e ele, no espaço, o *aí* é trocado pelo *lá* e no tempo, o pretérito perfeito 2 é substituído pelo presente.

No que diz respeito à semântica discursiva, dois mecanismos são essenciais, a figurativização e a tematização. Ambos têm por intuito promover a coerência semântica de um discurso. Além disso, é por meio das figuras presentes no discurso que se manifestam os temas presentes.

As figuras correspondem ao conteúdo existente em qualquer língua, ou seja, são as palavras que nomeiam as coisas reais, os discursos que apresentam figuras, descrevem e representam a realidade, desse modo, elas são “[...] utilizadas na simulação do mundo natural” (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 48). Os textos que apresentam predominantemente figuras são chamados de textos figurativos. Os temas, em contrapartida às figuras, não representam o mundo real, categorizam, organizam os elementos da realidade, enfim os “**temas** [...] se constituem como

abstrações, se comparados com as figuras” (SARAIVA; LEITE, 2017, p. 48, grifo dos autores).

Além disso, a coerência semântica de um texto se dá pela recorrência, a repetição de traços semânticos, essa redundância recebe o nome de isotopia. De acordo com Fiorin (2018), a isotopia fornece um modo de leitura do texto, visto que um texto, apesar de ser passível de várias leituras, não admite toda e qualquer leitura.

Por fim, discorrido acerca dos aspectos pertinentes à Semiótica Discursiva, como o signo linguístico, o objeto de estudo da teoria e seu percurso gerador de sentido, no capítulo seguinte trataremos acerca da Sociolinguística Variacionista e os conceitos constituintes da teoria.

3 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

Este capítulo diz respeito ao objetivo específico que discorre acerca dos conceitos básicos da sociolinguística variacionista. Desse modo, foram consultadas as obras de Monteiro (2008), Bagno (2007) e Coelho et al., (2019) para a apresentação dos conceitos pertinentes à teoria em questão, que tem como grande representante o linguista inglês William Labov. Por último, discorreremos sobre o preconceito linguístico, discriminação que acontece por meio do desconhecimento das variações linguísticas, fatos que são inerentes à língua.

3.1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

As relações sociais têm enorme influência na língua, isso pode ser constatado dentro de um país, visto o sotaque de seus falantes, por exemplo. Dessa maneira, por meio da fala, podemos saber a origem, a classe social, o gênero e até mesmo o grupo social que determinado indivíduo pertence. Uma vertente da linguística que se debruça sobre esse fato é “[...] a Sociolinguística [que] é uma área da Linguística que estuda a relação entre a língua que falamos e a sociedade em que vivemos.” (COELHO et al., 2019, p. 12).

Partindo dessa definição, Coelho et al. (2019) apontam que a Sociolinguística não é a área e sim uma área da Linguística que se ocupa em estudar a relação entre a língua e a sociedade. Tal afirmativa diz respeito às variadas áreas da linguagem que também se ocupam em estudar essa relação, sendo elas a Linguística histórica, a Linguística aplicada e a Análise do discurso. Das sociolinguísticas existentes, Interacional e Educacional, a vertente de que trataremos nesta pesquisa é a variacionista, a qual recebe algumas nomenclaturas e que, de acordo com Coelho et al. (2019, p. 14), pode ser chamada de

- (i) Sociolinguística Laboviana, porque seu principal expoente é o linguista norte-americano William Labov; (ii) Sociolinguística Quantitativa, porque, a princípio, os pesquisadores dessa área costumam lidar com uma grande quantidade de dados de uso da língua, o que requer normalmente uma análise estatística; e (iii) Teoria da Variação e Mudança Linguística, por conta de suas principais preocupações: a variação e a mudança na língua.

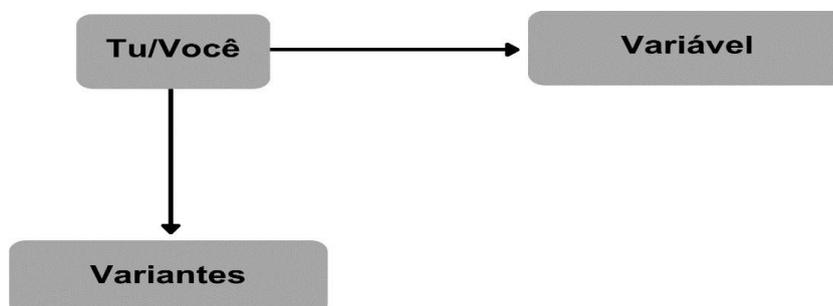
Logo, a Sociolinguística variacionista tem como grande representante o norte-americano William Labov. Nessa direção, de acordo com Monteiro (2008), a variação é um fator característico da língua, logo, é válido afirmar que na língua existe um leque de possibilidades de dizer algo.

Mesmo existindo a possibilidade, já dita, de dizer algo de diferentes formas, vale apontar que a língua segue uma estrutura rígida, que não pode sofrer variação. Monteiro (2008, p. 58, grifo do autor) aponta que “todo sistema linguístico é dotado, pois, de um conjunto de regras que não podem ser infringidas, sob pena de dificultar ou mesmo inviabilizar a compreensão dos enunciados. A esse conjunto de leis internas se costuma dar o nome de *invariante*.”.

Nesse contexto, é impossível ocorrer variação em alguns aspectos que corroboram a compreensão da língua, por exemplo, a presença de um artigo ante a um substantivo. Já o inverso resultaria em uma agramaticalidade e comprometeria o funcionamento profícuo do sistema linguístico.

Retomando a questão da variação linguística, vale salientar que a variação é algo inerente à língua. Nessa direção, sendo a língua homogênea, a fala a concretiza de forma heterogênea, visto que a língua é um produto social e, como já dito, reflete a diversidade social. Nesse sentido, as variações não podem ser consideradas erros existentes no sistema linguístico, uma vez que seguem regras facilmente descritas por um sociolinguista. Partindo do exposto, é adequado apontar a diferença entre dois conceitos necessários à teoria da variação: variável e variante. A **Figura 1** exemplifica de maneira didática os dois conceitos citados.

Figura 1 - Esquema explicativo de variável e variante



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Dessa maneira, na direção horizontal tem-se a variável que consiste em “[...] duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo” (MONTEIRO,

2008, p. 59) ou seja, seria o fenômeno, a possibilidade existente de o falante utilizar uma ou outra forma quando este usa a língua; na direção vertical, as variantes são “as formas alternantes, que expressam o mesmo sentido, em um mesmo contexto” (p. 59).

Partindo desta distinção, as variantes podem ocorrer em âmbitos internos e externos à língua. No que diz respeito às variações internas da língua, estas ocorrem no nível fonético- fonológico, por exemplo. E pode-se elencar a redução do ditongo a uma vogal, também chamado de monotongação, como em *caixa/caxa*.

No nível morfológico, Coelho et al (2019) apontam que as variações consideradas morfológicas são em alguns casos uma soma dos fenômenos fonético e sintático. Como exemplo de variação morfológica, as autoras apontam a alternância entre os pronomes tu e você, nós e a gente, já Bagno (2007) usa como exemplo as formas “pegajoso” e “peguento” que apresentam diferentes sufixos, mas o mesmo sentido.

A variação morfofonológica acontece quando há queda de morfema que também é considerado um fonema, é o caso de *andar/andá*, a queda do –r, morfema verbal indicador de infinitivo, também representa um fonema. Já uma variação morfossintática ocorre por meio da relação entre dois termos, por exemplo, o fenômeno de concordância existente entre “tu anda” e “eles anda” se dá por meio da relação pronome e verbo, avançando a zona da morfologia e chegando à morfossintaxe. Ainda, no nível sintático, um mesmo sentido pode ser representado por estruturas diferentes, é o caso de “rebolar no mato” e “jogar no lixo”, variedades linguísticas concorrentes para o ato de descartar algo.

Tratando das variações externas da língua, estas podem ser classificadas como: diatópica quando o local em que o falante está inserido atua na sua forma de falar, desse modo, pode-se buscar variações existentes entre dois estados de uma mesma região, entre dois países que falam a mesma língua, é o caso de Brasil e Portugal, bem como as variações entre a zona rural e urbana.

A variação diastrática, também chamada de social, diz respeito às variações produzidas pelo estrato social em que o falante está inserido, logo, o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o gênero/sexo, a idade têm enorme influência na fala desse indivíduo.

Outra variação é a que está ligada aos papéis sociais que o indivíduo exerce quando está na igreja, na escola, no local de trabalho, em casa ou no bar, esses

ambientes influenciam no seu modo de falar, nesse caso, as variações proferidas que surgem por meio desses domínios sociais, visto que o falante adapta a sua fala ao contexto em que está inserido, são chamadas de variação diafásica ou estilística. Por conseguinte, a variação diamésica consiste na comparação entre as modalidades escrita e falada, que é realizada após uma análise particular de ambas as modalidades.

Tomado conhecimento de todos os tipos de variações existentes na língua, é válido discutirmos acerca do preconceito existente com as variantes não padrão da língua. Logo, a discriminação é uma mostra do pouco conhecimento daquilo que todo falante materno deveria apresentar. Nesse sentido, Monteiro (2008, p. 65, grifos do autor) mostra que

um dos preconceitos mais fortes numa sociedade de classes é o que se instaura nos usos da linguagem. Se o falante é um camponês ou mora numa favela, se é analfabeto ou de baixo nível de escolaridade, é lógico que sua maneira de falar não será a mesma que a das pessoas que se situam no ápice da pirâmide social. Em todos os níveis linguísticos se manifesta essa distância: na fonologia, no léxico, na sintaxe. Ele provavelmente usará formas como *vrido*, *pranta*, *expilicar* e *musga* ou construções do tipo *nós veve*, *ele viu eu*, *eu se danei* etc. E, com isso, é mais discriminado ainda pela sociedade.

Ou seja, a discriminação com as variedades estigmatizadas resulta em um dos preconceitos mais praticados na sociedade atual, validado e endossado por alguns professores, celebridades de *internet*. Antes de chegarmos à definição e discussão do preconceito linguístico e seu efeito na sociedade, é importante tratarmos acerca da definição de uma variante padrão e não padrão.

Nessa conjuntura, vale apontar que a variante padrão deve ser vista como uma e não a forma correta de utilizar a língua. Nessa orientação, é admissível afirmar que ambas as variantes são concorrentes, podendo o falante usar uma ou outra, sempre se atentando ao contexto em que está inserido e então adequando sua fala. É válido frisar que a variante padrão é considerada de prestígio e, portanto, mais aceita, visto que, de acordo com Coelho et al (2019), está presente na sociedade há bastante tempo, já a variante não padrão é o inverso, por tratar de variedades novas provocam na comunidade de fala estranhamento e, logo, estigma, resultando no preconceito linguístico.

Nesse sentido, todo preconceito é resultado de uma crença, que é sempre

baseada em “convicções” equivocadas, que em sua essência é composta por ignorância. No tocante à discriminação das variações da língua, Bagno (2015, p. 64, grifo do autor) aponta que

o preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe [...] *uma única língua portuguesa digna desse nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pela ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”.

Nessa situação, fica evidente que a língua portuguesa não é una, sendo assim plural. Também deve ser apontado que o preconceito linguístico decorre do abismo social existente na sociedade brasileira, dado que as pessoas que são vítimas de tal hostilidade advém sempre de contextos de baixa renda, ou até mesmo de lugares historicamente oprimidos.

Além disso, tendo a noção de que a língua varia interna e externamente, podemos constatar que a pesquisa sociolinguística tem como um de seus intuitos validar as diversas variedades existentes em uma língua, nessa direção, é por meio dessa validação que essas variedades estigmatizadas não serão apontadas como erros, sendo que ambas seguem uma noção de gramática totalmente eficaz e válida para que o falante consiga efetuar suas intenções dentro do universo da linguagem.

Por fim, abordado o fenômeno da variação linguística em seus âmbitos internos e externos e o preconceito linguístico, que é advindo desse fato, situaremos, no capítulo seguinte, o *corpus* desta pesquisa, precisamente discorreremos sobre o autor e a obra, *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno.

4 DO AUTOR À OBRA: SITUANDO O CORPUS

Neste capítulo, traçamos, primeiramente, uma breve biografia do linguista brasileiro Marcos Bagno, dando ênfase a sua faceta como pesquisador para, em seguida, expormos uma contextualização acerca de sua obra *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, que se constitui como *corpus* deste trabalho. O objetivo deste capítulo é apresentar a obra, *corpus* de análise, e seu autor como forma de deixar o leitor a par de algumas informações importantes antes de adentrarmos na análise. Para tanto, fomos a fontes de informações como o *Curriculum Lattes* do autor e a própria obra selecionada.

4.1 MARCOS BAGNO: UM DEFENSOR DAS VARIEDADES LINGUÍSTICAS

Com base nas informações contidas na plataforma Lattes, a vida acadêmica de Marcos Bagno começa na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, onde fez a graduação e, posteriormente, o mestrado. O seu doutorado foi realizado na Universidade de São Paulo - USP. E atualmente é professor associado do Instituto de Letras da Universidade de Brasília - UNB.

Engajado no reconhecimento e valorização das variações linguísticas, por meio da pesquisa científica, o linguista brasileiro é uma das vozes mais conhecidas na luta contra a discriminação por meio da língua, um tipo de preconceito realizado sem constrangimento algum por uma pequena elite da população. Ainda, em suas obras, é vista a defesa do português brasileiro que reflete, de fato, a realidade linguística brasileira, fugindo de uma língua artificial e idealizada.

Nessa trajetória, enquanto linguista, Bagno consegue fazer a ponte entre a academia e a sociedade, escrevendo livros que tratam dos assuntos discutidos no campo da ciência da linguagem. Nessa direção, dispõe de diversas obras que discorrem sobre as citadas temáticas, a saber: *A Língua de Eulália (novela sociolinguística) (1997)*, *Preconceito linguístico: o que é, como se faz (1999)*, *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa (2001)*, *A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira (2003)*, *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística (2007)*, *Não é errado falar assim! Em defesa do português brasileiro (2009)*, *Gramática pedagógica do português brasileiro (2012)*, *Gramática de*

bolso do português brasileiro (2013), *Sete erros aos quatro ventos: a variação no ensino de português (2013)* dentre outras.

Além de pesquisador, Bagno é autor de várias obras literárias. Nesse ofício foi reconhecido nacionalmente com o Prêmio Jabuti em 2012 com o romance *As memórias de Eugênia*. Suas obras literárias estão mais direcionadas ao público infantojuvenil. Traçado uma breve biografia do linguista, na seção seguinte abordaremos acerca do *corpus* desta pesquisa, a novela sociolinguística a *Língua de Eulália*, de Marcos Bagno.

4.2 CONTEXTUALIZANDO O CORPUS

Publicada pela primeira vez em 1997, pela editora Contexto, a novela sociolinguística *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno, faz parte da coleção Caminhos da Linguística. A obra apresenta em sua narrativa a descrição de fenômenos da língua, que na visão de muitas pessoas são enxergados como erros, no entanto, são apenas fatos inerentes a qualquer língua natural. Nesse contexto, o livro promove a ponte entre os estudos desenvolvidos na academia e a divulgação destes de forma acessível, disseminando, neste caso, o conhecimento das variações linguísticas existentes e conseqüentemente o respeito destas. Ainda, nessa conjuntura, podemos afirmar que a obra contribui para o despertar do gosto pela leitura.

Tratando do resumo, a narrativa conta a história de três amigas, Vera, Emília e Silvia, universitárias que, de férias de suas atividades habituais, partem para uma estada na chácara de Irene, professora universitária aposentada e tia de Vera. Chegando à chácara da professora universitária, as três estudantes conhecem Eulália, uma mulher simples que foi alfabetizada quando adulta e que mora na casa de Irene.

Eulália é uma mulher que, segundo Irene, apresenta conhecimentos diversos, que vão desde o cultivo de plantas à gastronomia, além de ter bons conselhos nos momentos de desânimo. O ponto de partida da narrativa ocorre quando Eulália profere a sua variedade não padrão da língua. Nessa direção, Emília afirma que de nada adianta ter conhecimento se a pessoa fala errado, logo, a mulher é alvo de risos por parte de Emília e Silvia. Irene, percebendo a situação, esclarece a diferença existente entre as línguas, para tal declama um verso em italiano, em seguida, em português

arcaico e, por fim, uma frase em português de Portugal. Ao mostrar que as três construções não são conhecidas pelas meninas, a professora aponta que elas não deveriam rir do português de Eulália visto que o português dela não é o mesmo que as jovens universitárias apresentam, logo, assim como as outras línguas proferidas por Irene, elas o desconhecem. Emília então fala que o português que Eulália fala é errado, mas Irene responde que, sob a ótica da gramática, é sim um erro, no entanto, na variedade não padrão as regras que compõem a gramática não são utilizadas. Surge então a dúvida do que é o português não padrão (PNP), e a tia resolve dar “aulas”, tendo como base um livro que está escrevendo, para as estudantes acerca dessa variedade. Bem acomodadas, a construção dos conhecimentos sobre o PNP começa. Na primeira aula, Irene expõe alguns conhecimentos acerca da língua, como o mito da língua única, a escolha da variedade padrão como sendo a mais recomendada e as semelhanças existentes entre o restante das variedades, dentre outros.

Passado essa primeira conversa, Irene conta que está escrevendo um livro, que foca nos aspectos fonéticos da variação linguística, a doutora trata desses fenômenos, pois são os que mais causam estigma e quando proferidos são alvos de chacota. Durante a aula, surge a questão do que é erro na língua. Emília questiona Irene sobre como ela conseguirá convencer os seus leitores de que o seu livro que apresenta explicações do PNP não são erros. A doutora então responde com outra pergunta: como “erros” que acontecem em diversas partes do Brasil podem ser proferidos por pessoas diferentes? Emília complementa o interrogatório, questionando a professora sobre como ela provará que esses erros não são erros. Irene então responde que irá recorrer a outras línguas vivas e mostrar que ocorrem fenômenos semelhantes e buscará na própria variedade padrão, durante sua história a explicação para determinadas características do PNP.

Na escolinha, local onde Irene dá aulas de alfabetização para adultos, as quatro se reúnem, se preparando para o início da aula. Irene fala que aquele local é um lugar de aprendizado mútuo, onde ela aprende com os alunos e vice-versa. Indo contra o dito de Irene, Vera questiona a tia dizendo o que uma empregada doméstica tem para ensinar a uma professora doutora? A professora assustada com o que a sobrinha disse, fala que não sabe de tudo, o que ela ensinava/ensina à sobrinha é apenas um tipo de conhecimento e não o conhecimento. Vera insiste na pergunta e Irene vai até a estante pegar um livro preto com um monte de anotações, a professora então mostra

as meninas que ali estão reunidos diversos conhecimentos que não se aprendem em livros, como cuidar de plantas, cuidar de animais, receitas, também contos e histórias populares, um acevo riquíssimo de conhecimento, entre outros. Passada essa discussão, as meninas tomaram conhecimentos de diversos aspectos do PNP como o fenômeno da rotacização, que é a troca do l por r, fenômeno bastante recorrente e que é alvo de ridicularização.

Em outra aula, portando um rádio e uma fita cassete, Irene coloca para as meninas ouvirem a música “Cuitelinho” cantada por Nara Leão. Emília, muito esperta, diz que a letra é um prato cheio para o estudo do PNP. Irene concordando com a universitária aponta que dos vários fenômenos que a letra pode abordar, o foco consistirá na questão do plural. Irene deixa claro para as meninas, que no PNP não existem marcas de redundância do plural, uma vez que Vera diz que na letra não há o respeito dos plurais, existindo essas marcas no português padrão. Sílvia questiona Irene se a eliminação dos plurais redundantes acontece somente no PNP. A professora responde que não, visto que o inglês e o francês têm fenômenos parecidos. Com essa comparação, Sílvia conclui então que quem não coloca os plurais em todas as palavras não é “burro”, “atrasado”, visto que no inglês e no francês acontecem fenômenos semelhantes. Além disso, Emília indica na letra da música a troca do LH por l, dizendo que muitas pessoas têm a preguiça de pronunciar o LH direito. Irene elucida que no PNP o som consonantal do LH não existe, por isso não é pronunciado. Outro fenômeno que Emília nota, que está carregado de preconceito, é a questão do r retroflexo, adjetivado de r caipira. Irene a fim de exemplificar que o fenômeno ocorre também em outra língua, relata que muitas pessoas em um cursinho de inglês aprendem o r retroflexo e nem por isso são chamados de caipira.

Em mais uma aula, Emília já atenta à língua aponta que, ao prestar atenção à fala de Eulália, percebeu que ela não respeita a conjugação dos verbos, logo, fala ‘eles gosta’, ‘nós gosta’, ‘vocês gosta’ e Vera atenta ao fenômeno mostra que na letra de ‘Cuitelinho’ também aparece a mesma situação. Sobre tal fato linguístico, Irene destaca que muitos pesquisadores têm reparado que de norte a sul do país vários falantes têm reduzido as seis formas do verbo conjugando a apenas duas, o fato é semelhante à redundância do plural, no PNP aquilo que é redundante é eliminado. Além dessa característica no PNP, Irene aponta outras em relação aos verbos, como a incongruência de alguns tempos verbais.

Eulália almoça com seus netos, e Irene então aproveita para ir com as meninas

para um passeio no centro da cidade. Após chegaram à casa do filho de Eulália e conhecerem sua esposa e seus filhos, Irene e as menina fazem uma parada no Lago do Major. Emília comenta com Irene que ouve por várias vezes a troca de “comendo”, “cantando” por “comeno”, “cantano”, afirmando que tal fenômeno talvez não seja tão particular do PNP. Sobre tal, Irene acrescenta que, ao serem pronunciados, os dois sons consonantais são próximos e por isso há a assimilação. Durante a conversa, Emília, que gosta muito de falar, lembra um momento ocorrido com ela: antes de terminar o ensino básico a estudante trabalhava em uma livraria, e num dia chega um senhor perguntando se ali tinha um “orelhão”, Emília então aponta que logo ali na esquina tinha um, o homem sorri e fala que não é um “oreião” e sim um “orelhão”, um dicionário grande, a menina finalmente entende. Vera e Silvia riem do acontecido, e Irene fica séria. Emília complementa que por muito tempo aquela história era contada por ela como piada, no entanto, por causa dessas aulas, percebe que estava errada e que não entendeu a variedade do homem.

Noutra aula, mais cedo, pois iriam ao aniversário de Antônia, esposa de Ângelo, Irene mostra a diferença que existe na pronúncia das vogais em uma mesma palavra dependendo dos lugares em que o falante mora, faz então a comparação entre Rio de Janeiro e São Paulo. Sílvia aponta uma explicação para essa diferença dizendo que uma professora já tinha dito que são os paulistas que falam mais certo, porque falavam do jeito que está escrito. Em contrapartida, Irene responde que agora ela sabe que isso é um equívoco, pois a língua escrita é apenas uma tentativa de representação da língua falada. Irene ainda complementa que houve influência de outros países no falar do português brasileiro, como a dos italianos no falar do português de moradores de São Paulo e a dos alemães, ucranianos, poloneses e espanhóis no falar dos sulistas. Em seguida, Emília indaga a Irene “e quem fala mais certo?” A professora responde que não existe uma sobrepujança entre os falares e que todos são corretos, visto que o modo dos falares encontra explicações na história da língua. Terminada a aula, as quatro vão ao aniversário de Antônia.

Além desses assuntos expostos, outros foram tratados em aulas como a não existência de proparoxítonas, fenômenos decorrentes da analogia, arcaísmos no português do Brasil, desnasalização das vogais postônicas, mudança, variação e problemas na língua, o uso do pronome mim como sujeitos de infinitivos.

No último encontro das quatro, as estudantes colocam os conhecimentos construídos em prática, analisando o poema “Malinculia” do poeta sertanejo Antonino

Sales. Por fim, terminado o período de férias, as meninas voltam para São Paulo. Na rodoviária, a tia conta que uma editora irá publicar o livro que está escrevendo e ele se chamará *A Língua de Eulália*.

Discorrido acerca do autor e do *corpus* desta pesquisa, no capítulo seguinte partiremos para a análise, tendo como base a Semiótica Discursiva e, em seguida, teceremos reflexões acerca do preconceito linguístico.

5 ANÁLISE DO CORPUS

Neste capítulo, atendemos aos objetivos específicos que consiste em: descrever os valores da variação linguística que subjazem aos discursos dos atores em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno; e refletir acerca do trato da variação linguística em sala de aula em consonância com à BNCC (BRASIL, 2018). Nessa direção, por meio da análise do *corpus A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, buscamos os atores e o emprego de seus discursos no âmbito formal e informal da língua, em seguida, depreendemos os valores da variação linguística presente no referido *corpus*, e, por fim, tecemos algumas reflexões acerca do preconceito linguístico em sala de aula.

5.1 LEITURA SEMIÓTICA DE A LÍNGUA DE EULÁLIA, DE MARCOS BAGNO

Seguindo o percurso gerativo de sentido, tratando do estrato narrativo, destacamos apenas dois actantes que nos interessam para esta pesquisa. O Sujeito Semiótico 1 (S₁) é figurativizado por nomes próprios (Sílvia, Vera e Emília) assim como o segundo (S₂) (Irene).

O S₁ é coletivo porque tem um único Objeto de Valor (Ov): conhecimento da variação linguística. Tem como Destinator o querer, como Adjuvantes Irene e Eulália e como Oponente o desconhecimento da variação linguística. Assim, podemos dizer que o S₁ é um sujeito de estado, pois é levado por um *querer* conhecer (objeto modal) a variação linguística (objeto- valor), estando em disjunção deste objeto.

O S₁ inicia seu percurso disjunto do seu objeto de valor e termina conjunto com o mesmo pelo fazer transformador do S₂ que o faz conhecedor da variação linguística do português brasileiro. A constatação da concretização da performance ocorre quando S₁ faz a análise do poema “Malinculia”, pois é nesse momento em que ele coloca em prática todos os conhecimentos construídos no tocante ao português não padrão. Nesse acontecimento, reconhecemos o prêmio (sanção) pelo percurso bem-sucedido em busca do Objeto de Valor por S₁.

O S₂ tem como Objeto de Valor (Ov) o ensinar a variação linguística ao S₁. Por sua vez, tem como Destinator o querer, como Adjuvante o conhecimento das variações linguísticas e como Oponente o desconhecimento que o S₁ tem a respeito

da variação linguística. Assim, S₂ é um sujeito do fazer, uma vez que transforma a relação de junção do S₁ com o objeto-valor conhecimento da variação linguística, promovendo a conjunção de S₁ com seu objeto-valor.

O S₂ começa o percurso disjunto do seu Objeto de Valor e termina conjunto com ele, considerando que conseguiu ensinar ao S₁ de que a língua portuguesa apresenta variações. Ou seja, atuou como sujeito-manipulador sobre o sujeito-manipulado S₁, com sua competência e por meio da sedução, para que S₁ tomasse conhecimento acerca da variação linguística. A constatação da concretização da sanção ocorre quando S₁ muda a sua visão em relação às variações linguísticas, pois é nesse momento que S₂ sentiu-se que S₁ havia compreendido seus ensinamentos.

Vejamos as informações do Programa Narrativo de S₁ e S₂ sintetizadas no **Quadro 1**.

Quadro 1 – Programas Narrativos dos Sujeitos Semióticos

Sujeito Semiótico	Figurativização	Destinador	Adjuvante	Oponente	Objeto-valor
S ₁	Sílvia, Vera e Emília	Querer	Irene e Eulália	Desconhecimento da variação linguística	Conhecimento da variação linguística
S ₂	Irene	Querer	Conhecimento	Desconhecimento de S ₁	Ensino da variação linguística para S ¹

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Partindo para o nível discursivo, no âmbito sintático, destacamos as relações intersubjetivas entre enunciação e enunciado sob três aspectos “[...] a actorialização, a espacialização e a temporalização” (FIORIN, 2018, p. 40) que são projetados no enunciado como resultado da enunciação. A projeção pode ocorrer por meio dos mecanismos de *debreagem enunciva* e *debreagem enunciativa*.

Observemos que em *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, o enunciador se distancia dos fatos pela ação de narrar (*debreagem enunciva*) e ocasionando um recurso de objetividade. Podemos notar esse mecanismo em:

“Depois do almoço, que foi mesmo uma grande festa, Ângelo voltou ao trabalho e Eulália foi dormir sua sesta habitual da tarde. Vera, Sílvia e Emília saíram para passear pela chácara com Irene” (BAGNO, 2020, p. 12, grifo nosso).

Vejamos que o enunciador tem o intuito de descrever e, portanto, ambientalizar a narrativa. Em síntese “[...] finge-se distanciamento da enunciação, que, dessa forma, é ‘neutralizada’ e nada mais faz que comunicar os ‘fatos’” (BARROS, 2005, p. 55). O enunciador defende a tese de que as variações linguísticas existentes no português não são erros, havendo para cada fenômeno uma explicação/descrição linguística.

E, para defender a mensagem que enuncia, o enunciador coloca em cena cinco atores: Vera, Sílvia, Emília, Irene e Eulália, que, por meio de nomes próprios, personaliza-os e encontra ecos na realidade. É possível que essa estratégia tenha a intenção de dizer que o discurso de cada um tem uma identidade linguística que pode variar do formal ao informal a depender das escolhas pessoais e culturais de cada ator.

Vera é estudante de Letras, sobrinha de Irene e professora do curso primário em São Paulo. É uma jovem amorosa, curiosa e inteligente, no entanto, tem convicções elitistas, como pode ser comprovado no trecho a seguir:

“— Mas, tia, vamos ser sinceras um pouquinho — intervém Vera. — O que é que uma empregada doméstica analfabeta, por exemplo, pode ensinar a uma pessoa como você, que sabe tudo?” (BAGNO, 2020, p. 42, grifo nosso).

Bagno (2015) aponta em seu livro *Preconceito Linguístico* que a discriminação linguística está totalmente ligada a um preconceito social. Na fala de Vera, vemos a materialização de tal premissa. A personagem deixa claro que a diferença entre classes econômicas pressupõe uma hierarquia, onde apenas os que são de classe alta são detentores e capazes de transmitir conhecimentos, o que não ocorre com pessoas de classes econômica baixas, exemplificada na fala de Vera por uma empregada doméstica analfabeta. Nessa direção, podemos concluir que tal convicção é um meio para o não respeito à variação linguística que uma pessoa de classe econômica baixa apresenta, visto que as variações estigmatizadas advêm de contextos socialmente desfavorecidos.

Sílvia é estudante de Psicologia e professora de curso primário. Em seu

discurso demonstra um repertório de conhecimentos históricos e, junto a isso, uma consciência em relação à desigualdade social, contudo, sua fala pressupõe uma visão preconceituosa em relação às variações linguísticas. Vejamos um fragmento de sua fala:

“Quer dizer então que quem diz ‘as coisa’ realmente não é ‘burro’ nem ‘atrasado’ — comenta Sílvia. — Senão teríamos de chamar de ‘burros’ e ‘atrasados’ os franceses e os ingleses, e ninguém ousa fazer isso” (BAGNO, 2020, p. 54, grifo nosso).

Observemos que, apesar de a personagem Sílvia mudar a sua visão em relação a quem faz uso da variante “as coisa”, as adjetivações pejorativas em relação a estes revelam uma visão de que estes são deficientes intelectualmente. Os adjetivos constituem uma visão preconceituosa e desconhecadora das variações linguísticas, sendo, portanto, mais um artifício para invalidar toda uma comunidade, nesse caso, por meio da língua.

Emília, estudante de Pedagogia, se assemelha à personagem de Monteiro Lobato. É curiosa, esperta e debochada. Além disso, considera as variações linguísticas como erros, invalidando qualquer conhecimento de quem as use. Podendo ser verificadas tais características em, por exemplo, quando Irene explica que *“Eulália é um poço sem fundo de conhecimento e sabedoria”* (BAGNO, 2020, p. 13, grifo nosso).

“— Pode até ser — comenta Emília enquanto as quatro se sentam num grande banco de madeira sob um caramanchão. — Mas ela fala tudo errado. Isso para mim estraga qualquer sabedoria” (p. 13-14, grifo nosso).

Observe que a fala de Emília é carregada de preconceito linguístico e social sobre a noção de erro na língua. Sobre essa visão de erro, Bagno (2009) aponta que um erro só pode ser considerado como tal quando este acontece de modo individual. As variações linguísticas de Eulália não se encaixam nessa definição de erro na língua, uma vez que sua língua materna constitui toda uma rica cultura e conhecimento. Nessa direção, ao adjetivar de errado a fala de Eulália e dizer que, por tal motivo, a sabedoria dela não vale, Emília despreza e marginaliza a cultura de Eulália.

Irene é uma professora universitária aposentada, mãe de dois filhos, alfabetizadora de adultos, pesquisadora na área da Linguística, humilde e comprometida com a sociedade e a que tem consciência de que a língua varia. Podemos ver isso em:

“— A fala da Eulália não é errada: é diferente. É o português de uma classe social diferente da nossa, só isso — explica Irene” (BAGNO, 2020, p. 15, grifo nosso).

“Eu não sou a única capaz de ensinar alguma coisa: toda pessoa sempre tem algo de interessante, de importante para transmitir aos outros, não é mesmo?” (BAGNO, 2020, p. 42, grifo nosso).

Veja que, no primeiro trecho, Irene munida de seus conhecimentos linguísticos reconhece que a noção de erro atribuída às variações linguísticas estigmatizadas não existe, o que há é toda uma diversidade linguística que traça as características de um sujeito. No segundo trecho, percebe-se que Irene parte do respeito, logo, considera toda sabedoria vinda de qualquer meio. Nessa direção, Irene é a representação do respeito à variação linguística.

Eulália é uma mulher humilde que aprendeu a ler textos verbais na vida adulta e mora com Irene. É detentora de um vasto conhecimento sobre plantas, ervas medicinais e uma cozinheira de mão cheia. É, ainda, a que emprega uma variedade linguística considerada não padrão. Observe:

“A Eulália foi alfabetizada quando tinha mais de quarenta anos. Hoje ela sabe ler e escrever, foi alfabetizada no português-padrão, mas continua empregando no dia a dia a variedade não-padrão que é a “língua materna” dela, usada pelas pessoas de sua família e de sua classe social. Aliás, foi durante a alfabetização da Eulália que eu comecei a refletir sobre esses problemas todos” (BAGNO, 2020, p. 31, grifo nosso).

Podemos observar no trecho alguns pontos que estão ligados à variação linguística. Vejamos que, acerca da língua materna de Eulália, constatamos que a unidade linguística, ou seja, a crença de que falamos uma só língua é equivocada. Logo, a língua materna de cada sujeito é diferente, resultando na noção de língua não em uma perspectiva singular e sim, plural. Outra observação que podemos fazer é a

do objetivo da escola no trato com a língua: por meio do trabalho de alfabetização de Irene, enxergamos o papel da escola em consonância com a Sociolinguística que consiste em “não [...] ensinar a variedade vernacular ao aluno, e sim de expor a ele outras variedades da língua” (COELHO *et al*, 2019, p. 148), ou seja, a origem do aluno ao chegar à escola não é desrespeitada, ele não é tratado como um sem língua, havendo, portanto, respeito a sua língua materna, o que estaria em conformidade com a BNCC.

Fiorin (2018) aponta que, quando o enunciador dá a palavra a uma pessoa do enunciado, ocorre o mecanismo de debreagem interna, que reflete na simulação de diálogos. Nessa direção, por causa da debreagem interna, quando o foco consiste nos atores, podemos perceber que estes se aproximam do ato da enunciação, em seus discursos ocorrendo, portanto, o mecanismo de debreagem enunciativa.

Quadro 2 – Recorte dos Discursos dos Atores

Atores	Discursos
Irene	“Eu não sou a única capaz de ensinar alguma coisa: toda pessoa sempre tem algo de interessante, de importante para transmitir aos outros, não é mesmo?” (BAGNO, 2020, p. 42).
Vera	“— Bom, o que a gente aprende na escola, desde pequena, é que no Brasil só se fala português.” (BAGNO, 2020, p. 18)
Sílvia	“Quer dizer então que quem diz “as coisa” realmente não é “burro” nem “atrasado” — comenta Sílvia. — Senão teríamos de chamar de “burros” e “atrasados” os franceses e os ingleses, e ninguém ousa fazer isso.” (BAGNO, 2020, p. 54)
Emília	“— Mas ela fala tudo errado. Isso para mim estraga qualquer sabedoria.” (BAGNO, 2020, p. 14)

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Ainda, por se aproximar da enunciação, todos os discursos causam efeito de subjetividade, pois há a utilização da primeira pessoa do plural, sendo tal recurso constatado pelos termos *Eu não sou, a gente aprende, teríamos e para mim*.

No que concerne ao tempo linguístico, podemos apontar que os discursos se encontram no tempo presente, visto que estão em concomitância a um momento de referência presente, podendo tal afirmação ser verificada pelas formas verbais *sou, aprende, teríamos, estraga*.

Em relação ao espaço linguístico, quando o foco é nos atores, por meio do discurso direto, percebemos um *aquí*, o que contribui para a causa do efeito de

subjetividade e portanto, aproximação da enunciação. Quando o foco consiste no narrador, percebemos um /á, visto que é causado um distanciamento da enunciação.

Ainda, o espaço geográfico que serve para situar os atores consiste na sala de aula onde Irene promove a alfabetização de adultos, visto que é nesse ambiente que ocorre a discussão acerca das variações linguísticas.

Por fim, como todo texto apresenta uma organização fundamental, no caso do *corpus* em análise, podemos destacar como uma das categorias semânticas de base /conhecimento da variação linguística/ *versus* /desconhecimento da variação/ linguística, sendo estas contrárias, tendo como unidade comum a língua. Ainda tomando essa unidade, outros contrários podem ser destacados como: formal/informal; padrão/popular e mais outros a depender da base de análise.

5.2 REFLEXÕES SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Diante de uma mudança positiva no trato aos preconceitos, o rechaço a estes é uma atitude constantemente tomada por boa parte da sociedade. No entanto, no que tange ao preconceito linguístico, o comportamento não segue a mesma direção. O preconceito linguístico é sustentado na repulsa às variações linguísticas, fatos pertencentes a qualquer língua natural.

Nesse contexto, tais variações denunciam quem somos, de onde viemos, a qual estrato social pertencemos, dentre outras particularidades. É atento a esse fato linguístico que a BNCC (2018) indica o trabalho da variação linguística, pontuando que “[...] é relevante no espaço escolar conhecer e valorizar as realidades nacionais e internacionais da diversidade linguística e analisar diferentes situações e atitudes humanas implicadas nos usos linguísticos, como o preconceito linguístico” (BRASIL, 2018, p. 70).

Nesse contexto, somente com o trato das variações linguísticas em sala de aula é que a conscientização acerca da pluralidade linguística pode ser uma munição para o discurso em defesa da luta contra esse tipo de preconceito. Bagno (2015, p. 17-18), reforçando tal premissa, aponta que

[...] a variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de uma língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática não pode

desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares e que denegrir ou condenar uma variedade linguística equivale a denegrir e a condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes - é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes.

Ou seja, é no trabalho com a língua natural, sem artificialidade que os falantes tomarão conhecimento e, portanto, consciência de que a língua materna que trazem à escola é válida para uso. É com esse trabalho que a criticidade do aluno será desenvolvida, visto que munido de todo esse conhecimento acerca da variação linguística, o aluno poderá se colocar em uma posição contrária a situações em que o preconceito linguístico venha acontecer.

Ao nosso ver, todo e qualquer professor e não somente os professores de língua devem ter a noção da variação linguística, uma vez que “*todo professor é professor de língua*” (BAGNO, 2020, p. 29, grifo do autor). É com essa noção que serão evitados outros problemas, no que concerne à escola, a exemplo da evasão escolar, medo de participar das discussões pela timidez causada pela ideia de um não saber usar um discurso “correto”, pois os alunos, ao serem alvos do preconceito linguístico, podem se enxergar como sujeitos incapazes de terem bons resultados na escola.

Por fim, como meio de tornar mais conhecida as variações linguísticas, recomendamos a leitura de *A Língua de Eulália*, de Marcos Bagno, que trata por meio de uma narrativa criativa, os fenômenos de variação da língua portuguesa, precisamente das variações estigmatizadas e conseqüentemente do preconceito linguístico, causando no leitor reflexões que vão além da consciência linguística, como também, social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discriminação linguística é um meio validado socialmente para encobrir outros preconceitos que, apesar de serem rechaçados, ainda estão presentes na sociedade. Nessa direção, o constante debate sobre o preconceito linguístico deve ser fomentado, visto que somente pelo conhecimento de que existem diferentes formas de se dizer a mesma coisa podemos enxergar a diminuição de tal preconceito.

Dos estudos teóricos da Semiótica Discursiva, compreendemos que o objeto de estudo é o texto que, em suas diferentes manifestações, veicula sentidos vários que podem ser apreendidos por meio de uma análise aprofundada, cujo percurso gerativo de sentido é o artifício teórico-metodológico para tal ação.

No que concerne à Sociolinguística Variacionista, entendemos que a língua varia conforme os diferentes usos que sociedade faz dela. Assim, consideramos os aspectos externos da língua como influenciadores nos aspectos internos da língua. Além disso, o desconhecimento dessa variação é o que promove o preconceito linguístico.

Da análise do *corpus*, observamos que o enunciador, por meio de um mecanismo de debreagem enunciativa ambienta a narrativa se distanciando do momento da enunciação, causando um efeito de objetividade. Ainda, o enunciador defende uma tese que consiste no respeito às variações linguísticas. Por meio de uma debreagem interna, ele coloca em voga os atores: Irene que respeita a variação linguística e Vera, Silvia e Emília, que no início de seu percurso, por desconhecimento, desrespeitam a variação linguística, gerando, portanto, o preconceito linguístico. É por meio de uma debreagem enunciativa que os atores transmitem tais ideias, se aproximando do ato da enunciação, o que causa um efeito de subjetividade. Constatamos ainda que a nomeação dos atores é figurativizada por nomes próprios o que encontra ecos na realidade sensível e a identificação de uma identidade linguística.

Sobre as reflexões, mediante a análise do *corpus*, enxergamos que a discussão sobre o combate ao preconceito linguístico deve ser recorrente, visto que é um problema presente na sociedade. Dessa forma, em consonância com a BNCC (2018), reforçamos que a escola, como local de formação, deve ter como centro, em suas aulas de Língua Portuguesa, o debate sobre diversidade linguística. Ainda, deve a escola acolher a língua materna que os alunos trazem consigo e que também sejam

ofertadas a eles toda a diversidade linguística para que possam ter essa noção e, portando, saber adequar suas falas aos contextos.

Ainda, consideramos que essa pesquisa solucionou o problema proposto que consistiu em depreender os valores de respeito à diversidade linguística e preconceito contra as variações não prestigiadas. Junto a isso, atingimos o objetivo geral, já que descrevemos os valores e encontramos no *corpus* selecionado o proposto por meio das ações específicas.

Nesse contexto existoso, a respeito da bibliografia selecionada pontuamos que esta correspondeu às expectativas, uma vez que somente por meio dela obtivemos a bagagem necessária para o conhecimento da variação linguística, no que diz respeito à Sociolinguística, e para a depreensão dos sentidos que um discurso pode apresentar, nessa caso a Semiótica do Discurso.

Observando de modo geral, podemos apontar que a compreensão acerca do conceito de língua materna é algo singular, logo, uma determinada comunidade de falar apresenta uma língua vernacular diferente de outra. Podemos enxergar que o preconceito linguístico é uma discriminação diretamente ligada a uma questão social, que, em alguns casos, o conhecimento linguísticos que um sujeito tem advém de um contexto que é historicamente desprestigiado apresenta é invalidado simplesmente por ele “falar errado”.

É importante destacar que a discriminação por meio da língua tem várias intenções subjacentes, como a de nos dividir entre os que sabem “a língua” e os que não, de desvalorizar identidades culturais legítimas, e a de tutelar pessoas que, na visão dos preconceituosos, são incapazes de qualquer atividade intelectual.

Portanto, apesar da conclusão desta pesquisa, a questão da variação linguística e conseqüentemente do preconceito linguístico não está esgotada, visto que na prática a discriminação por meio da língua ainda acontece. Desse modo, fica evidente que o conhecimento acerca dos fatos linguísticos deve ser repetidamente debatido para que todo esse conhecimento possa servir de conscientização e, como dito, amenizar ou extinguir tal discriminação.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**. 56. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Editora Ática, 2005.

COELHO, Izete Lehmkuhl. et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2019.

FIORIN, José Luiz. A noção de texto na semiótica. **Organon**: Revista do Instituto de Letras da UFRGS. v. 9, n. 23, p. 165-176. Rio Grande do Sul, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/29370>. Acesso em: 30 maio 2023.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Julien. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Cultrix, 2008.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975.

LIMA ARRAIS, Maria Nazareth de. **O fazer semiótico do conto popular nordestino**: intersubjetividade e inconsciente coletivo. 2011. 417 f. Tese (Doutorado em Letras) Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6175>. Acesso em: 15 fev. 2023.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDES, Conrado Moreira. Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico. **Raído**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 173–193, 2011. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raído/article/view/975>. Acesso em: 27 fev. 2023.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2019.

PHILIPPSEN, Neusa Inês; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo. Entrevista com Marcos Bagno: nada por acaso, um olhar sobre inquietações sociolinguísticas contemporâneas. **Revista de Letras Norte@mentos**, [S. l.], v. 9, n. 20, 2016. Disponível em:

<https://periodicos2.unemat.br/index.php/norteamentos/article/view/7202>. Acesso em: 20 mar. 2023.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SANTAELLA, Lucia; NÖTH, Winfried. **Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação**. São Paulo: Paulus, 2017.

SARAIVA, José Américo Bezerra; LEITE, Ricardo Lopes. **Exercícios de semiótica discursiva**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2021.

SILVA, Silvio Profirio da; DE LUCENA, Josete. Marinho de. Entrevista com o professor Dr. Marcos Bagno. **Revista De Letras - Juçara**, [S. l.], v. 1, n. 2, p. 152-161, 2017. DOI:10.18817/rlj.v1i2.1457. Disponível em: <https://ppg.revistas.uema.br/index.php/jucara/article/view/1457>. Acesso em: 18 mar. 2023.